

O FIGURANTE

Teatro Voador Não Identificado

Dramaturgia: Luiz Antonio Ribeiro

(em colaboração com Leandro Romano e Pedro Henrique Müller)

Personagens

Figurante

Pâmela

Leandro Romano

José Mayer

Diogo Liberano

Vozes em off

Observações: Todos os personagens, exceto o figurante, aparecem somente em off. Todas as vozes são idênticas, gravadas por Pedro Henrique Müller, exceto a de José Mayer.

ATO I

I.

VOZ EM OFF – Próximo!

FIGURANTE – Oi. Boa tarde.

VOZ EM OFF – Você é...?

FIGURANTE – Eu vim pro teste do Bumblebee.

VOZ EM OFF – Ok. Pode sentar ali. Isso. Quando quiser... Valendo!

FIGURANTE – Só uma dúvida, desculpa... É pra eu dar a fala num tom mais cômico, ou mais dramático?

VOZ EM OFF – Como assim?

FIGURANTE – É porque o texto pode ser dito de uma maneira mais engraçada ou mais séria...

VOZ EM OFF – É só pra vender o produto.

FIGURANTE – Ok, ok.

VOZ EM OFF – Tá bom? Valendo!

FIGURANTE – “Chegou o novo própolis Bumblebee. Só ele deixa a sua garganta...”
Desculpa, só mais uma dúvida.

VOZ EM OFF – Claro!

FIGURANTE – Eu falo o texto e depois eu... espreio? É “espreio” que fala? Espreiar... Espreizar... Enfim. Eu falo o texto e depois eu espreio/espreizo... ou eu espreio/espreizo e depois falo o texto?

VOZ EM OFF – Primeiro você fala o texto.

FIGURANTE – Ok.

VOZ EM OFF – Depois você espirra o produto.

FIGURANTE – Ah, sim, espirra, mais fácil...

VOZ EM OFF – Valendo!

FIGURANTE – “Chegou o novo própolis Bumblebee. Só ele deixa a sua garganta como nova”.

VOZ EM OFF – Legal, tá ótimo. Tenta só não esconder a marca do produto.

FIGURANTE – Ah tá. Desculpa. Assim?

VOZ EM OFF – Não, mais pra cá.

FIGURANTE – Assim?

VOZ EM OFF – Não, mais pra cá.

FIGURANTE – Aqui?

VOZ EM OFF – Só mais um pouco...

FIGURANTE – Aqui?

VOZ EM OFF – Sim, mas natural.

FIGURANTE – Ah sim.

VOZ EM OFF – É natural. Como você segura o produto na sua vida?

FIGURANTE – É que eu não costumo mostrar a marca do produto na minha vida.

VOZ EM OFF – É, mas isso aqui é um comercial.

FIGURANTE – Assim?

VOZ EM OFF – Assim! Valendo!

FIGURANTE – “Chegou o novo própolis Bumblebee. Só ele deixa a sua garganta como nova”.

VOZ EM OFF – Legal. Mas olha, tenta só agora mostrar a marca na hora que você espirra...

FIGURANTE – Tá ok.

VOZ EM OFF – Valendo!

FIGURANTE – “Chegou o novo própolis Bumblebee. Só ele deixa sua garganta como nova.”

VOZ EM OFF – Tamo quase lá. Ainda não consigo ver a marca direito.

FIGURANTE – Mas é que o bocal tá na mesma direção da marca. A não ser que eu faça assim...

VOZ EM OFF – Então vamos lá.

FIGURANTE – “Chegou o novo própolis Bumblebee. Só ele deixa a sua garganta como nova”.

VOZ EM OFF – Mais uma.

FIGURANTE – “Chegou o novo própolis Bumblebee. Só ele deixa a sua garganta como nova”.

VOZ EM OFF – Ótimo. Beleza, cara. Ó... A gente entra em contato. Valeu, querido. Brigadão.

FIGURANTE – *(Aponta para o produto)* Deixa aqui?

VOZ EM OFF – Isso. Próximo!

2.

O figurante está de costas para a plateia. Música.

FIGURANTE EM OFF – Eu sou eu. Dizem. Este é um princípio de incerteza. Afinal, são duas coisas a se considerar: o que eu sou e o que dizem. Mas eu não posso dizer. Afinal, pessoas como eu não dizem. *(Pausa)* É o que dizem. E isto também é um princípio de incerteza. De qualquer forma, se eu sou uma pessoa como eu, como dizem, e aqui for o meu lugar, eu não posso dizer, só pensar. Mas quando eu penso, eu digo a mim mesmo aquilo que eu estou pensando. Isso é um princípio. Isso é uma certeza.

3.

FIGURANTE – Quando eu era criança, eu queria ser artista plástico. É claro que eu não falava assim, nenhuma criança usa o termo “artista plástico”. Criança fala que quer ser “pintor”. Eu dizia que eu queria ser pintor. Eu lembro que eu fazia exposições com réplicas de quadros de artistas famosos. Do Van Gogh, do Monet, do Picasso, do Portinari... Na época, a minha tia trabalhava num teatro onde havia palestras, debates, cursos, oficinas... Ela então me perguntou se eu não gostaria de fazer aula de teatro. Eu disse que não, que eu

queria ser pintor. Ela acabou me convencendo quando disse que, em determinado momento da aula, as crianças poderiam desenhar livremente. Fiquei imaginando um lugar cheio de tintas, pinceis, gizes, lápis. Quando cheguei no teatro, me levaram para um porão escuro onde aconteceria a aula. A aula já havia começado, já estavam todos lá, sentados em roda. O professor estava todo vestido de preto, segurava um chapéu e dizia que, quando o chapéu estivesse na cabeça das crianças, elas deveriam se apresentar. A cada criança que se apresentava, com enorme desenvoltura, meu pânico aumentava. Uma hora o chapéu ia chegar em mim e eu teria que falar em público. Olhei ao redor, procurando pela tintas, pinceis, gizes e lápis, mas não vi nada disso. Me senti enganado pela minha tia. Quis chorar. Chorei até não poder mais. O professor me perguntou o que tinha acontecido e nem isso eu conseguia falar. Até que chamaram a Camila Morgado, que me pegou no colo e me levou até a minha tia.

4.

O telefone toca.

FIGURANTE – Alô.

PÂMELA – Alô, boa tarde!

FIGURANTE – Boa tarde. Quem tá falando?

PÂMELA – Aqui é Pâmela do Star Actors and Casting. Eu estou ligando a respeito do teste que o senhor fez.

FIGURANTE – Qual teste?

PÂMELA – Do Spray Bumblebee, senhor.

FIGURANTE – Ah tá, tá! E aí? Como foi?

PÂMELA – Infelizmente, senhor, o senhor não foi aprovado.

FIGURANTE – Ah...

PÂMELA – Lamento, senhor, o papel ficou com o ator José Mayer. Mas olha... O diretor assistiu o seu teste e tem um outro personagem aqui que ele quer muito que o senhor faça.

FIGURANTE – Ah sim, que papel?

PÂMELA – Que papel? Aguarde um instante enquanto eu verifico essa informação no meu sistema.

FIGURANTE – Ok.

Longo silêncio.

FIGURANTE – Alô? Pâmela?

PÂMELA – Senhor?

FIGURANTE – Alô.

PÂMELA – Oi, alô, senhor!

FIGURANTE – Tá me ouvindo?

PÂMELA – Oi. Estou sim, senhor.

FIGURANTE – Oi, tô te ouvindo.

PÂMELA – Então, senhor, o papel que nós temos é bem bacana, o senhor vai contracenar diretamente com o Zé.

FIGURANTE – Olha, que legal!

PÂMELA – É, muito legal mesmo.

FIGURANTE – Tá ótimo, eu faço sim.

PÂMELA – Está anotado aqui o seu nome e novamente agradecemos em nome da Star Actors and Cast...

FIGURANTE – Oi, Pâmela. Você não me disse quando vai ser a gravação.

PÂMELA – Ah, sim, será na próxima sexta-feira às sete horas.

FIGURANTE – Da manhã ou da noite? Alô? Pâmela?

5.

FIGURANTE – Será que eu deveria ter uma horta como o Alexandre Nero? Eu deveria fazer listas novas para depois esquecer elas em algum lugar como a Mariana Ximenes? Eu deveria sublinhar sempre com três linhas como a Malu Mader? Será que eu devo sonhar com barcos como a Samara Filippo? Devo me esquecer do aniversário do meu pai como a

Fernanda Vasconcellos? Ou ficar entediado com a cor do meu banheiro como o Thiago Fragoso? Deveria descascar pequenas lascas das paredes como a Totia Meirelles? Ou deveria comer sempre trocando os talheres de mão como o Henri Castelli? Será que eu devo pensar em jardins quando vou ao banco como o Roberto Bomtempo? Será que eu deveria não gostar de teatro como o Caio Castro? Devo embaralhar a fala quando me lembro da minha avó como a Leandra Leal? Será que eu deveria ter sempre uma fruta na bolsa como a Ísis Valverde? Devo pensar na minha saúde bucal a cada 45 minutos como a Marjorie Estiano? Ou então trocar a roupa de cama todo dia como o Mateus Solano? Ou será que eu deveria estacionar o meu carro no Leblon como o Caetano Veloso? Devo passar a mão na testa pra falar sobre coisas angustiantes como a Aline Moraes? Devo trocar às vezes alguns DVD's de suas caixas como o Tato Gabus Mendes? Ou devo lavar bem os legumes e as verduras como a Patricia Pillar? Devo deixar algum resto da comida pro cachorro como o Bruno Gagliasso? Devo tremer um pouco as pálpebras quando me lembro de alguma morte como o Antonio Fagundes? Será que eu deveria continuar? Será que eu devo?

6.

FIGURANTE – Oi.

VOZ EM OFF – Você é...?

FIGURANTE – Eu vim pro comercial do Bumblebee.

VOZ EM OFF – Ah, sim.

FIGURANTE – Desculpa, é que não me disseram se era às sete da manhã ou da noite... Aí acabou que eu estive aqui de manhã, mas não tinha nin...

VOZ EM OFF – Bom, vamos começar?

FIGURANTE – Vamos, vamos.

VOZ EM OFF – Então valendo!

JOSÉ MAYER EM OFF – “Chegou o novo própolis Bumblebee...”

FIGURANTE – Desculpa. Desculpa, Zé. Mas o que é pra fazer?

VOZ EM OFF – Ué, não te passaram essa informação?

FIGURANTE – Não.

VOZ EM OFF – Tá, deixa eu te explicar, é o seguinte. Você fica lá pro fundo...

FIGURANTE – Aqui?

VOZ EM OFF – Não, não... Isso! Ai! É... O comercial se passa num apiário. E você é um apicultor. Tá legal? Então valendo!

JOSÉ MAYER EM OFF – “Chegou o novo própolis Bumblebee...”

FIGURANTE – Desculpa, desculpa! Mas o que o apicultor faz?

VOZ EM OFF – Um apicultor é um criador de abelhas.

FIGURANTE – Então eu fico aqui atrás criando as abelhas, né?

VOZ EM OFF – Exatamente.

FIGURANTE – Tô aqui cuidando das abelhas...

VOZ EM OFF – Valendo!

O figurante faz uma movimentação estranha.

JOSÉ MAYER EM OFF – “Chegou o novo própolis Bumblebee. Só ele deixa a sua garganta como nova.”

VOZ EM OFF – Corta! O que que é isso?

FIGURANTE – O apicultor não tem aquela roupa grande assim com aquela máscara?

VOZ EM OFF – Não, não, mas não precisa. Você pode estar agindo naturalmente mesmo...

FIGURANTE – Ah, mas não precisa da roupa?

VOZ EM OFF – Não, é normal mesmo.

FIGURANTE – Sem roupa então?

VOZ EM OFF – Não é necessário.

FIGURANTE – Tá bom então.

VOZ EM OFF – Valendo!

JOSÉ MAYER EM OFF – “Chegou o novo própolis Bumblebee. Só ele deixa a sua garganta como nova.”

O figurante começa a mexer em abelhas invisíveis.

VOZ EM OFF – Corta! O que que é isso que você tá fazendo?

FIGURANTE – É que tá cheio de abelha aqui aí veio uma no meu rosto...

VOZ EM OFF – Não, não, mas você é um apicultor... Não precisa da abelha... Não tem abelha nenhuma. Não tem nada acontecendo. Você tá trabalhando normalmente. Tá bom? Valendo!

JOSÉ MAYER EM OFF – “Chegou o novo própolis Bumblebee. Só ele deixa a sua garganta como nova.”

O figurante faz gestos quaisquer.

VOZ EM OFF – Corta! Desculpa, desculpa, se você tivesse vindo de onde eu tô vindo aqui na câmera você ia entender o que eu tô falando... É que o seu rosto tá chamando muita atenção, e tem que chamar atenção pro produto. Que tá aqui na frente, não pro seu rosto. Então, você... Você pode virar um pouquinho de costas? E um pouquinho mais pro fundo... Isso. Aí é melhor. Aí é melhor! Isso! Melhor assim. Valendo!

JOSÉ MAYER EM OFF – “Chegou o novo própolis Bumblebee. Só ele deixa a sua garganta como nova.”

O figurante faz gestos quaisquer, de costas.

VOZ EM OFF – Corta! É que realmente se você tivesse vindo daqui você ia entender. Você tá fazendo um pouquinho de movimento demais. Ainda tá chamando bastante atenção. Faz mais contido.

FIGURANTE – Menor, né?

VOZ EM OFF – Isso!

FIGURANTE – Menos movimento, ok.

VOZ EM OFF – Exato. Valendo!

JOSÉ MAYER EM OFF – “Chegou o novo própolis Bumblebee. Só ele deixa a sua garganta como nova.”

O figurante faz gestos mais contidos.

VOZ EM OFF – Você ouviu o que eu falei, né? Menos ainda... Ainda tá bastante. Um pouquinho menos, vamos lá! Valendo!

JOSÉ MAYER EM OFF – “Chegou o novo própolis Bumblebee. Só ele deixa a sua garganta como nova.”

O figurante quase não faz nenhum movimento.

VOZ EM OFF – Corta! Querido, você tá mexendo ainda muito! É menos mesmo. Tá? Vamos reduzir aí... Valendo!

JOSÉ MAYER EM OFF – “Chegou o novo própolis Bumblebee. Só ele deixa a sua garganta como nova.”

O figurante não faz movimento algum. Está parado, de costas.

VOZ EM OFF – Perfeito! É isso aí! Ficou ótimo, muito bom! Já deu pra pegar aqui. É isso. Muito obrigado.

FIGURANTE – Puxa, que bom! Obrigado. Tchau, hein.

7.

FIGURANTE – Aí depois, um pouquinho mais velho, eu voltei pro curso de teatro. Lembro que eu saía todo dia do colégio e ia de mão dada com a minha tia. Ela me deixava no teatro e a sensação que eu tinha era de estar totalmente abandonado, entregue a mim mesmo. O teatro era gigante, pra mais de 200 pessoas. Eu era criança, então aquilo tudo parecia muito maior do que era. Eu adorava os exercícios de teatro, eu me saía bem, eu fazia as pessoas rirem, mas lembro do sentimento de estar sozinho. É que eu, ali, era só um espectador, sabe? As outras crianças eram mais amigas entre si do que eu era amigo delas. Eu sentia que nunca brincava com elas, mas que elas me deixavam assistir a brincadeira delas... Aquela sensação piorou muito quando começaram os ensaios da peça. Era Robin Hood. Eu tinha 5 ou 6 frases só. Uma delas era uma piada que eu fazia: “Você bebeu tanta água que deve ter secado a fonte”. Eu tinha que rir depois de falar isso, mas eu não achava a menor graça. Até que chegou o dia da apresentação final, e eu estava com a nítida sensação de que eu estava esquecendo uma das minhas falas. Eu puxava da memória e não conseguia lembrar. Procurei meu texto, mas tinha deixado em casa. Lembro de ter falado com o professor e ele ter respondido: “Eu sei que você está nervoso, vai dar tudo certo”. Da plateia, via meus pais sorrindo, tirando foto e me achando fofo. Eu não lembro de nada da apresentação, mas sei que correu bem. A tal fala parece que não fez muita falta, mas de vez em quando eu lembro que existe uma fala minha perdida, eu sei, e eu gostaria de dizer ela aqui hoje pra vocês... *(Vai até o microfone)* Como é mesmo? Esqueci. É... Esqueci.

8.

O figurante vê televisão, trocando de canal até encontrar um filme qualquer.

WILLIAM BONNER – Um guarda municipal morreu num assalto a um banco em Salvador...

COMERCIAL – Elegê litro 1,94... Arroz Máximo quilo 7,85... Feijão...

CHAPOLIN COLORADO – Eu sou o Chapolin Colorado. Por isso... Se aproveitam de minha...

SILAS MALAFAIA – Sonho sem atitude... É coisa de vagabundo ou preguiçoso. SONHOS COM ATITUDES CORRETAS PRODUZ UMA PESSOA DE POTENCIAL ILIMI...

TONY RAMOS – Gente... Faz que nem a Kátia e o João: vai de garantia de origem e controle de qualidade. Vai na confiança...

FILME

- Hello.

- Hi. It's John. Did you get my package?

- John... John... *(Risos)* John... Hey, John!

O figurante dubla os personagens do filme, fazendo as duas vozes.

9.

O telefone toca.

LEANDRO – Alô.

FIGURANTE – Alô. Quem tá falando?

LEANDRO – Oi, aqui é o Leandro Romano, eu sou o diretor do Teatro Voador Não Identificado. Tudo bem?

FIGURANTE – Ah, oi, Leandro, tudo bem?

LEANDRO – Tudo bem. Você poderia conversar comigo um momentinho? Você está fazendo alguma coisa de importante? Tô te atrapalhando?

FIGURANTE – Não, imagina. Pode falar.

LEANDRO – Então, é que eu assisti aqui o seu comercial e, olha, eu fiquei realmente muito impressionado com o seu talento! De verdade!

FIGURANTE – Ah, é? Obrigado. Que comercial?

LEANDRO – O comercial do José Mayer.

FIGURANTE – Ah... O do Bumblebee?

LEANDRO – Exato. Nossa, que postura, que capacidade corporal. Que desprendimento, né, que talento...

FIGURANTE – Ah, obrigado! Você gostou então?

LEANDRO – Mais que isso. Eu queria te fazer um convite na verdade.

FIGURANTE – Ah... Que convite?

LEANDRO – É que eu tô nesse momento agora fazendo uma peça chamada “O Figurante”. É sobre uma pessoa que ela é figurante da própria história da peça que ela faz dentro de uma peça na qual o figurante faz essa peça que é sobre essa questão do figurante na verdade. Num formato de monólogo mesmo. E ele tá dentro dessa história da peça do figurante chamada “O Figurante”. E eu fiquei pensando: “Caramba, seria incrível, né, se ele pudesse fazer. Será que ele toparia?”. Será que você toparia fazer essa peça? Deu pra entender mais ou menos, ou não?

A partir daqui eles não se ouvem mais. Cada um fala sem necessariamente responder um ao outro.

LEANDRO – Tudo bem. Isso. Seria. É. Será? Uhum. Exatamente. Não. É, basicamente... Não, é o figurante... É. Então, eu mandei pra você já todas as cenas do primeiro ato. Eu mandei antes porque eu queria justamente que você pudesse dar uma lida e me dissesse, me desse um feedback, me dissesse o que você achava, mais ou menos um esboço. Tá? E aí você já deve estar recebendo isso em breve provavelmente, tá bom? Você dá uma olhada e aí você... Você me liga nesse número... Isso, nesse número mesmo. Que eu te liguei. Tá, isso... Uhum. Pô, bacana, bacana. Muito bacana mesmo. É. Vai ser legal, vai ser bacana. Muito obrigado, um grande abraço, tchau, tchau.

IO.

O figurante lê.

FIGURANTE – O Figurante. Teatro Voador Não Identificado. Primeiro ato. Cena um. Ele entra, conversa com a voz do diretor de um teste. É um teste para o spray Bumblebee... Ele acha que vai passar. Está confiante. Cena dois. Ele é colocado de costas. Ouve de novo a voz. Cena três. Ele conta uma história. A sua tia levando no teatro... um chapéu... queria ser artista... plástico... Cena quatro. Telefone. A moça do estúdio liga pra dizer que ele não passou. Faz uma proposta: atuar com José Mayer. Ele fica feliz. Cena cinco. Quem ele poderia ser. Cena seis. Gravação com José Mayer. Apiário. Fazer menos, bem menos, ok. Cena sete. Outra história. Robin Hood. Outro chapéu. Cena oito. Ele assiste tv. Dubla personagens de um filme. Legal, gostei. Cena nove. O diretor Leandro Romano liga para o figurante convidando pra fazer uma peça chamada “O Figurante”. Ele aceita. Leandro diz que vai mandar as rubricas. Cena dez. O figurante pega uns papéis e começa a ler. Todas as rubricas da peça. Ué, essa página tá repetida.

VOZ EM OFF – Corta!

B.O.

ATO 2

I.

No palco, apenas um totem, ao lado do figurante.

FIGURANTE – Eu achava que ser ator era ser alguém que chama atenção, que aparece mais do que os outros, então eu fazia de tudo para aparecer mais, fazia tudo com sangue nos olhos. Para mim, isso era ser ator. Eu tinha que fazer alguma coisa. Eu acho muito estranho vocês ficarem aí esperando alguma coisa acontecer aqui. Ficam me olhando, esperando que alguma coisa aconteça. Ficam me observando. Como observam um tigre numa jaula andando de um lado pro outro. Esse é o espetáculo. O que eu penso não é importante. É aí que está acontecendo alguma coisa. Que eu vejo daqui. Eu vejo vocês. Vocês estão aí, do mesmo jeito que eu estou aqui. Aí está acontecendo muito mais do que aqui. Eu não estou mais aqui, eu estou aí, com vocês. Eu não estou aqui onde eu estou, eu estou aí. Vocês é que não estão aqui. Vocês não estão aqui. Vocês não estão aqui. A espera, essa espera, não é uma inércia. É um agitação. Eu mesmo, estou explodindo aqui. Aqui não é Paris, aqui não é a Grécia, nem Israel, nem Cuba, aqui não é Londres, nem Copacabana. Isso aqui também não é o fim da peça, isso não é uma conclusão. Isso é um princípio de incerteza. Uma flor dentro de uma geladeira, que não faz o menor sentido. Ou uma sirene debaixo d`água. Uma vertigem completamente tediosa. Isso é uma tábua de madeira, iluminada por um refletor. É um sentimento de angústia, que depois a gente se acostuma. Isso é uma hora te esperando, eu vou pegar as minhas coisas e eu vou embora. Desculpa qualquer coisa. Tudo que existe no mundo já tá aí. No mundo. Tem a minha cara, tem a sua cara, tem a cara de todo mundo. Cada um tem uma cara. No mundo. E essas caras existem por aí. Andando na rua.

2.

VOZ EM OFF – Vamos lá então? Primeiro você senta na cadeira. Isso. Próximo! (*Leva totem até a posição*). Isso. Depois você fica de costas lá no fundo. (*Leva o totem para o fundo*) Não mexe. Não, mais pro fundo. Aí. Corta! Perfeito. Agora vem aqui pra frente. (*Leva o totem pra frente*). Não mexe a mão! Não pode mexer a mão. Isso, mas tem que ser natural. Tá muito artificial. Como é que você faz na vida real? Isso! Assim! Pronto. Senta na cadeira de novo! (*Leva o totem até a posição*) Mais rápido! Falta ritmo! Ok, agora microfone! Vai pro microfone! (*Leva totem até o microfone*) Agora volta pro fundo. Não mexe. (*Leva o totem pro*

fundo) Agora vem pra frente de novo. (*Leva o totem pra frente*). Já falei pra não mexer a mão! Não mexe a mão! Isso! Aí! Senta na cadeira! (*Leva para posição*). Agora fica na cadeira (*Leva outro totem pra cadeira*) Se relaciona com a voz! As vozes são atravessadas. Um não entende o que o outro diz. Não. Não. Não. Imagina. Pode ser. Talvez. Será? É. Não, é o figurante. Não pode. Sim, mas... Tá ótimo. Será? É. Não, você não tá entendendo... É. Pode ser assim. Isso. Não. Não. Ok. Você que... Não. Ok. Tá ótimo. Obrigado, tchau tchau.

3.

Ouve-se a música “Girls Just Wanna Have Fun”, de Cyndi Lauper. O figurante dança. Aos 40 segundos de música, ele pede que abaixem o volume para que ele possa falar. A música continua tocando bem baixinho.

FIGURANTE – Essa música que tá tocando é “Girls Just Wanna Have Fun”, da Cyndi Lauper. Essa música toca no filme “Anomalisa”, o último filme do Charlie Kaufman, que é uma grande referência pra essa peça que o diretor viu, o ator viu, mas o dramaturgo não viu. Aí a gente resolveu colocar ela aqui. (*Pausa*) Aliás, essa peça é praticamente uma homenagem ao Charlie Kaufman, menos as cenas que não são, claro. Você pode encontrar referências a todos os filmes dele aqui. Por exemplo, não sei se você viram, Sinedoque Nova Iorque. Essa coisa da peça dentro da peça... Pegamos de lá. E ele provavelmente pegou de Hamlet. E Shakespeare provavelmente pegou de alguém também. Um Shakespeare dentro de um Shakespeare. (*Pausa*) Tem também o John Malkovich, “Quero ser John Malkovich”. Lembra da capa do DVD? Que são várias pessoas segurando máscaras com o rosto do John Malkovich? Então, foi daí que a gente tirou a ideia dos totens. Daí e de V de Vingança. A gente adora aquelas máscaras. Copiamos na cara lavada: Um Malkovich dentro de um Malkovich. (*Pausa*) Tem também o “Adaptação”, que tem o filme dentro do filme. Mesma coisa. O “Adaptação”, inclusive, tem até um trecho em áudio do filme aqui. Não vou contar onde é senão estraga. (*Pausa*) Ah, e tem o “Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças”. Mas esse não tem referência nenhuma. (*Pausa*) Bom, além do Charlie Kaufman, tem também Magritte, naquela hora que eu fico de costas, lembra? É uma menção ao homem do espelho. Mas...isso aqui não é uma referência. Eu acho. (*Pausa*) Tem também um artista francês chamado Gilbert Garcin. É bem legal, procurem no Google que você vão gostar. (*Pausa*) Tem Calvino. (*Pausa*) Tem Escher. (*Pausa*) Tem um Beckett salpicado aqui e ali. (*Pausa*) Tem também uma referência a um escritor francês que o diretor adora, chama Georges Perec. O dramaturgo gostou também, mas quer ler mais. Eu não gosto muito. (*Pausa*) Ah, tem também uma referência que eu usei pessoalmente, que é do David Foster Wallace, que eu adoro. Mas o diretor nem o dramaturgo nunca

leram e ainda mentem que vão ler. *(Pausa)* Se você procurar bem, forçando muito a barra, dá pra encontrar um Benjamin, assim, a gente não encontrou, mas deve ter, ou um Glauber, um Godard, ou um Hanks. O Tom Hanks mesmo. *(Pausa)* Essa cena é uma referência ao David Lynch.

Continua a dançar até o fim da música.

4.

Esta cena é uma crítica da própria peça, escrita por Danielle Ávila Small durante o ensaio geral.

FIGURANTE – Saiu a crítica do espetáculo! *(Lê e faz comentários que julgar pertinentes)* Primeiramente, Fora Temer. Uma coisa interessante no trabalho do grupo Teatro Voador Não Identificado, que já se podia ver em *O processo*, e que agora aparece mais claramente em *O figurante*, é uma relação tão próxima entre dramaturgia e encenação que as duas categorias parecem indiscerníveis. Não se trata, a meu ver, do tipo de peça da qual alguém possa falar “gosto do texto, mas não da encenação”, porque texto é encenação e vice-versa, mesmo que o crédito esteja separado. No caso, Luiz Antonio Ribeiro assina a dramaturgia (com colaboração do ator e do diretor do espetáculo) e Leandro Romano assina a encenação. Procedimento recorrente no teatro contemporâneo, a relação intrínseca entre dramaturgia e encenação é sinal de uma política de criação que pensa a palavra como cena, que não separa as ideias expressas com frases no papel das ideias materializadas com corpos e vozes no espaço. Não me refiro aqui à ideia de “criação coletiva”, ou de “processo colaborativo”. A questão não é de procedimentos, mas de linguagem. A encenação não se mostra como um conjunto de habilidades e truques para ilustrar um texto previamente escrito. Percebemos na peça uma simultaneidade entre dramaturgia e encenação. Mas isso não acontece meramente nos elementos mais óbvios: a convergência se dá no registro de atuação, ou seja, na linguagem do trabalho do ator. Assim, podemos dizer que, em *O figurante*, dramaturgia, encenação e atuação estão imbricadas como uma coisa só, uma instância autoral que trabalha em conjunto. É como se as três vozes partissem do mesmo lugar de fala; como se a figura do ator, Pedro Henrique Müller, contivesse essas outras duas figuras-elementos do teatro. A atuação condensa a expressão de uma linguagem. Mas não se trata de uma condensação que sintetiza, que explica. As imagens produzidas pela peça são imagens complexas: as situações se sobrepõem, formando camadas translúcidas de imagens-narrativas que se contêm entre si. A peça enfatiza esse efeito de abismamento quando expõe suas referências, desvendando o imaginário criativo do espetáculo e, com isso, estimulando o espectador a consultar mentalmente as suas próprias associações.

Nesse momento, o espetáculo faz uma crítica de si mesmo, analisando seus procedimentos, apresentando possíveis abordagens de leitura e construindo uma outra narrativa de si. Curiosamente, as referências são mais ligadas a outras artes. As menções ao teatro (Shakespeare, tão canônico, Beckett, tão batido) são referências de texto, não de espetáculo. A leveza, o humor e o tom desprezioso de *O figurante* estão sob-medida para a proposta do grupo. Mas, por outro lado, as próprias ideias do projeto parecem demandar um pouco mais de risco. O intercâmbio com um segundo grupo para realizar a cena final, por exemplo, poderia ter sido feito com um grupo de outra geração, ou de outro circuito da cidade, para que houvesse de fato uma quebra mais radical de linguagem. A presença do Teatro Inominável pode ter sido uma opção segura, uma continuidade confortável. É importante fazer uma observação sobre o fato de *O figurante* ser um monólogo. Diz o senso comum do teatro carioca de gerações anteriores às nossas que um monólogo é algo que um ator ou atriz faz em um momento de consolidação, um certo auge da carreira. Mas o que vemos aqui é uma opção dramaturgica, de linguagem. Por mais autoral que seja o trabalho de Pedro Henrique Müller, ele poderia ser substituído por outro ator do grupo – o que implicaria a necessidade da substituição do cenário, algo que, nas condições atuais de produção do teatro de pesquisa no Rio de Janeiro, pode ser bem mais difícil de se realizar do que a substituição de um ator... Aqui chegamos no ponto em que a peça me fisgou. Por mais que o espetáculo apresente questões formais importantes, ficou na minha cabeça o problema da condição do artista numa cidade complexa como o Rio de Janeiro. A peça começa com um ator passando por uma situação tão ridícula quanto, como sabemos, corriqueira: um teste para um comercial. As pequenas cenas que compõem a estrutura da dramaturgia apresentam o ator em situações constrangedoras. Basta observar a tensão no corpo, a seriedade na postura com a qual o ator responde a um telefonema ridículo e participa de um diálogo sem sentido, porque, como jovem ator, ele precisa estar disponível para apostar em diversas oportunidades de trabalho. Então nos deparamos com a voz de José Mayer. Com isso, a peça apresenta um raio-X do que é lidar com teatro no Rio de Janeiro. Vejamos: um jovem ator desconhecido do grande público, de um grupo praticamente recém-saído da universidade e que se dedica à pesquisa de linguagem, encena um monólogo de baixíssimo orçamento, com a participação (em off, mas não importa) de um ator famoso, galã de novela de uma rede golpista de televisão, astro de musicais copiados da Broadway realizados com orçamentos estratosféricos. Parece ficção. Mas é assim: estamos muito, muito próximos mesmo. O pessoal do teatro de pesquisa concorre nos mesmos editais com os astros das novelas de TV. Os atores mais brilhantes acabam tendo que fazer testes indefensáveis para os mais patéticos comerciais de spray de garganta. E nós, cariocas, artistas e espectadores, do teatro de pesquisa no Espaço Sesc em Copacabana ao entretenimento sem compromisso no Teatro Bradesco na Barra da Tijuca, somos todos figurantes na nossa cidade cenográfica, cuja realidade cotidiana poderia ser

fantasiosa demais para um filme do Charlie Kaufman. E se Franz Kafka, autor de O Processo, outra montagem do grupo, tentasse tirar um alvará para ter um MEI no Rio de Janeiro, ele ficaria completamente chocado. Mas, para concluir, tenho duas coisas a dizer. A primeira é que ninguém pode votar em um candidato a Prefeito que bate em mulher. A segunda é que vale reparar no trabalho do Teatro Voador Não Identificado. A elaboração sobre a linguagem de dramaturgia, encenação e atuação no teatro, sob a aparência inocente dos recursos mínimos e do bom-humor, é sofisticada e complexa.

5.

Premiação. O figurante entra em cena para receber um prêmio. Ao falar no microfone, sua voz não sai. Ele é dublado por uma voz em off.

VOZ EM OFF – Olá, boa noite. Agora ele está agradecendo o prêmio. Muito obrigado. Ele diz que é uma honra receber esse prêmio porque não é sempre.... não é sempre que se recebe um prêmio dentro de uma peça. Ele agora está dizendo que isso de ter um prêmio dentro da peça pode parecer estranho e é mesmo, é estranho mesmo porque o fato de existir esse prêmio dentro da peça faz parecer que... faz parecer que ele de fato quer ganhar um prêmio por essa peça... Quando, na verdade, isso nunca foi uma intenção. Agora ele se emociona. Ele está dizendo que, se por acaso ele vier a ganhar um prêmio na vida real, vai parecer que isso só aconteceu por causa dessa cena, o que é um pouco ridículo, pois é quase como... quase como se ele estivesse pedindo, em cena, para ganhar um prêmio por essa peça. *(Pausa)* Mas ao mesmo tempo, se eu não ganhar esse prêmio... Se ele não ganhar esse prêmio, talvez seja uma vingança dos jurados porque a peça já se acha tão merecedora de um prêmio que se premia dentro dela mesmo, quando na verdade, esse papel deveria ser deles, dos jurados. *(Pausa)* Mas agora que esse prêmio veio, talvez fosse melhor não ter o prêmio dentro da peça porque esse é um recurso de metalinguagem muito barato, muito fraco, que não deveria estar sendo usado. Até mesmo porque, ele diz, a metalinguagem é um recurso que tenta conquistar, que tenha ganhar, né?, o espectador fingindo revelar os seus mecanismos de funcionamento, o que torna o ator falsamente amiguinho de quem está assistindo a peça, forçando uma falsa intimidade. Além disso, o espectador contemporâneo, já sacou, porque ele não é burro, o que faz dos recurso de relevar a metalinguagem mais ingênuo ainda, porque você tenta ser mais inteligente quando não verdade você só está sendo é estúpido. É isso. Muito obrigado e uma boa noite a todos.

Aplausos.

6.

Som de telefone.

FIGURANTE – Alô.

JOHN – Hi.

FIGURANTE – Quem tá falando?

JOHN – It's John.

FIGURANTE – John? John... John!

JOHN – Tá me ouvindo?

FIGURANTE – To.

JOHN – Você está se repetindo.

FIGURANTE – Eu sei.

JOHN – Você está se repetindo.

FIGURANTE – Eu sei.

JOHN – Mas você está se repetindo. *(Pausa)* Por que?

FIGURANTE – Eu to tentando...

JOHN – Ninguém tá te vendo. *(Pausa)* Olha pra frente. Olha pra trás. *(Pausa)* Já pensou em contar uma história?

FIGURANTE – Já, mas...

JOHN – Já pensou em tentar entender as coisas? *(Pausa)* E por que não faz?

FIGURANTE – Porque eu sinto que eu to me repetindo.

JOHN – Você está se repetindo. *(Pausa)* Você perdeu a noção da realidade.

FIGURANTE – Eu perdi a realidade da realidade.

JOHN – Tenta alguma outra coisa. *(Pausa)* Qualquer uma. *(Pausa)* Melhor.

7.

Voz do José Mayer em off. Enquanto ouve-se a voz, o figurante organiza os totens e traz mais alguns.

JOSÉ MAYER EM OFF – A Bumblebee. Solitária, semi-social, de tamanho grande e bastante peluda. É mamangava ou mamangaba, ou mangangá, ou mangava, ou mangaba, ou bombolini, ou vespa-de-rodeio, ou vespão. Preta e amarela, quase sempre, e quando voa, soa um zumbido alto. Não pica, digo, raramente pica, segura de si, só não pode ser pega pela mão. Poliniza, é importante, se multiplica e contribui para a espécie local. É dócil, do néctar ao pólen. Faz ninho de pedaço de palha em cantos ociosos de árvore, na terra ou em qualquer barranco ou ninho, ou piso de casa, ou jardim. Não pode ser caçada, perseguida, usada, destruída ou apanhada. Nada. Ela tem mel, mas pouco. O seu mel não fica guardado em um favo, mas numa bolsa de cera e quase ninguém, quase ninguém, acha.

8.

FIGURANTE – De repente, aos poucos, uma imagem aparece na cabeça, ou em todas as cabeças ao mesmo tempo, de todos os cantos daqui e dali: 6 bilhões de pessoas. Este é um número, um outro princípio. 6 bilhões de pessoas que vigiam umas as outras. Olham, se olham. O que vemos, o que nos olha. É claro, então. Parece. Eu sou o figurante. Escolhido em uma seleção aleatória de outras cinco bilhões novecentas e noventa e nove milhões novecentas e noventa e nove mil e novecentas e noventa e nove pessoas. E eu. De onde apareço. Do instante em que aparece. O texto que se repete. A voz. As máscaras. Palavras que soam: “próximo”, “corta”. Um convite recebido que eu respondo. Que eu escolhi. Como um controle em uma série de canais, um atrás do outro, canais em série em que a imagem de um é o espelho do outro. E do outro. Sempre um, eu, atrás desse outro. Eu tinha opção. Eu tive opção, O FIGURANTE, a voz do inativo, de um visível que ninguém pode ver. Que se olha pra se escutar, que de costas, sempre de costas, ouve que do outro lado alguma coisa acontece, componente visual do outro que vive, e faz, e vai ao teatro e assiste televisão e, sentado, imagina ainda um outro; que no telefone espera pra falar e, por pena, responde a gravação. Que responde a voz decorada da gravação porque percebe que, mesmo sem falar, está se repetindo. O figurante que cada vez que alguém fala “eu” ou fala “você”, cada vez que alguém fala com alguém, é cenário. Cada beijo ou briga, cada respiração precisa de um pedaço, como o ar. O figurante, como só agora eu, só, e só agora eu poderia saber, uma companhia de qualquer um. Ainda companhia. Um papel no fundo que acompanha tudo. Ninguém nunca fica sozinho porque o figurante, eu, estou lá. E lá, e lá. Sempre do lado, em fila, em mesa, em canto. Todos os outros do mundo sou eu. Um

figurante pra cinco bilhões novecentas e noventa e nove milhões novecentas e noventa e nove mil e novecentas e noventa e nove pessoas. Eu. Não importa a coleção de solidão, eu sempre estou.

VOZ EM OFF – Está me ouvindo?

FIGURANTE – Sim.

VOZ EM OFF – Você...

FIGURANTE – Eu já sei.

VOZ EM OFF – Já?

FIGURANTE – Já.

VOZ EM OFF – Então tá. Pode... Seguir então.

FIGURANTE – Estou me repetindo. Por onde ando, corro, sonho, digo, faço. Eu. Em qualquer coisa idiota do mundo, eu. Mas eu só poderia perceber isso agora no instante em que o resto do mundo se dissolveu.

Durante a última fala, a luz começa a diminuir gradativamente até não restar quase nada. A peça parece acabar mas, de repente, o telefone toca e as luzes se acendem bruscamente.

9.

DIOGO – Alô.

FIGURANTE – Alô. Quem tá falando?

DIOGO – Oi, aqui é o Diogo Liberano, eu sou o diretor do Teatro Inominável. Tudo bem?

FIGURANTE – Ah, oi, Diogo, tudo bem?

DIOGO – Tudo bem. Você poderia conversar comigo um momentinho? Você está fazendo alguma coisa de importante? Tô te atrapalhando?

FIGURANTE – Não, imagina. Pode falar.

DIOGO – Então, é que eu assisti aqui a sua peça e, olha, eu fiquei realmente muito impressionado com o seu talento! De verdade!

FIGURANTE – Ah, é? Obrigado. Que peça?

DIOGO – A peça do José Mayer.

FIGURANTE – Ah... O Figurante?

DIOGO – Exato. Nossa, que postura, que capacidade corporal. Que desprendimento, né, que talento...

FIGURANTE – Ah, obrigado! Você gostou então?

DIOGO – Mais que isso. Eu queria te fazer um convite na verdade.

FIGURANTE – Ah... Que convite?

DIOGO – É que eu tô nesse momento agora fazendo uma adaptação da peça “O Figurante”, só que resolvi mudar umas coisinhas... Pouca coisa mesmo, uma bobagem...

FIGURANTE – Umas coisinhas? Que coisinhas?

DIOGO – Então, o final... Tava querendo fazer um final diferente.

FIGURANTE – Uhum...

DIOGO – E aí eu fiquei pensando “Quem melhor do que ele, né, pra fazer a peça?”... Ninguém, né? Ele já conhece bem o texto, seria só mudar o final mesmo... Será que você toparia fazer?

A partir daqui eles não se ouvem mais. Cada um fala sem necessariamente responder um ao outro.

DIOGO – Tudo bem. Isso. Seria. É. Será? Uhum. Exatamente. Não. É, basicamente... Não, é o figurante... É. Então, eu mandei pra você já a versão final. Eu mandei antes porque eu queria justamente que você pudesse dar uma lida e me dissesse, me desse um feedback, me dissesse o que você achava, mais ou menos um esboço. Tá? E aí você já deve estar recebendo isso em breve provavelmente, tá bom? Você dá uma olhada e aí você... Você me liga nesse número... Isso, nesse número mesmo. Que eu te liguei. Tá, isso... Uhum. Pô, bacana, bacana. Muito bacana mesmo. É. Vai ser legal, vai ser bacana. Muito obrigado, um grande abraço, tchau, tchau.

IO.

Final. Essa cena é inteiramente criada pela companhia Teatro Inominável. O figurante caminha entre os tótems até desaparecer atrás da cortina. Ele já não está mais em cena, mas ainda fala com a plateia.

FIGURANTE – Vocês estão me ouvindo? Mudou alguma coisa? Daqui só existe a sensação de que eu estou aí. No fundo da paisagem, feito uma rachadura que é desconsiderada. Eu desisti? Não. Eu falo para alguém que não posso ver. Eu preciso fazer alguma coisa? Eu sou a parede que se arruína no escuro. Eu sou quem eu sou. Eu volto para trás. Eu venho. Para trás.